



Terry ataca novamente: crítica filosófica do mal e educação ambiental

Marlécio Maknamara¹

UFPB

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0424-5657>

Introdução

Apocalipse, fim do mundo, fim dos tempos, tempos sombrios... Há muitas expressões para insinuar ou reforçar que algo ou muita coisa não vai bem em nossos dias. Mas, quanto mais se proliferam e reiteram expressões assim, mais se pode pensar que talvez nossos tempos não tenham o privilégio ou exclusividade da referência de que algo não vai bem, de que algo vai mal. E se, de sombras em sombras, sombria fosse a própria história da humanidade, recorrentemente em algum tipo de relação com mal? E o que seria a realidade do mal, afinal?

Terry Eagleton, filósofo, crítico literário e professor, sempre tão brilhante quanto polêmico, tem algo a dizer a respeito. Procurei escutar com ouvido de educador ambiental e aqui compartilho um pouco do que seu novo livro me fez pensar. O exemplar que tenho em mãos é da edição portuguesa, a qual foi lançada em julho de 2022, poucos meses antes de sair

¹ Pós-Doutor em Educação pela La Trobe University, onde foi Professor Visitante no Outdoor and Environmental Education Department. Doutor em Educação pela UFMG. Pesquisador Produtividade em Pesquisa do CNPq. Líder dos grupos ENSAIO - vida, pensamento e escrita em educação/UFPB/CNPq e do ESCRE(VI)VER: Grupo de Estudos e Pesquisas com Narrativas em Educação/UFBA/CNPq. Email: maknamaravilhas@gmail.com.

a edição brasileira (pela Editora da Unesp), alguns vários anos após a publicação original pela Yale University Press - temos, ou não temos, pouca urgência em lidar criticamente com horrores?

O livro parte do pressuposto de que "podemos acreditar no mal sem pensar que a sua origem seja sobrenatural" (p. 26). Essa pista é dada desde a Introdução, onde o autor vê-se provocado pelo fato de adjetivarem de "malévola" uma ação sentida como fora de contexto e causa explicativos ou como uma ação ininteligível, além de nossa compreensão humana. Explicações do mal e das pessoas capazes de maldades costumam oscilar, então, entre um determinismo socioambiental e um determinismo de caráter. Em ambos os determinismos, "mal" seria uma palavra que apelaria para o fim de uma discussão: "ou as ações humanas são explicáveis, caso em que não podem ser más; ou são más, caso em que nada mais se pode dizer sobre elas" (p. 19).

Mas Terry não aceita o fim da discussão quando algum mal entra em cena. Ao contrário, propõe uma defesa da realidade do mal (o que, é preciso dizer, o quanto antes, sobretudo em nossos tempos, que isso não é o mesmo que defender o mal!). Em três capítulos ("Ficções do mal", "Gozo obsceno" e "Consoladores de Job"), essa realidade do mal é descrita a partir de inúmeras personagens extraídas da literatura ficcional, para ser problematizada articulando teologia e psicanálise, em diálogo com pensadores que vão de Santo Agostinho a Freud, de Gandhi a Schopenhauer, de Hegel a Mary Midgley. O argumento central do livro é o de que "o mal não é fundamentalmente misterioso, ainda que transcenda o condicionamento social cotidiano" (p. 27).

O capítulo "Ficções do mal" traz personagens e tramas densos, para dizer que morte e mal andam próximos, já que articulados na cisão entre materialidade e sentido. Tomando, do romance Pincher Martin, uma personagem que não sabe que está morta, o texto faz dialogar noções de purgatório, inconsciente, pecado original e fantasia. Aqui, a figura do mal ganha contornos em personagens que não sabem viver (ocupados de uma guerra com a própria personalidade, são incapacitados para a vida, não se entregam a ela) e tampouco sabem morrer (não reconhecem nem aceitam a própria finitude e têm um "arrogante caso de amor com o ilimitável"), imersas em um verdadeiro inferno (vivência monótona e autofagocitária em direção à aniquilação de si). Apesar da profusão de produção de infernos

406

individuais e coletivos em nossos dias, se Terry não é ingênuo, tampouco é pessimista: diante da realidade do mal, "temos apenas de viver com ele. No entanto, por uma coisa ser uma característica persistente da condição humana, não é sugerido que nada se possa fazer em relação a isso" (p. 49).

"Gozo obsceno" trata das satisfações perversas do mal e de suas formas de ver como abominável qualquer manifestação afirmativa da existência. Este é um capítulo que explora questões importantes para a argumentação sobre a realidade do mal. Para a pergunta sobre se ele teria ou não propósito prático, evidencia-se um debate sobre como o mal olha para a diferença, a criatividade e o tempo em suas pretensões de pureza. Embora pressuponha ações propositadas em nome de uma condição não-propositada, seu método é o da destruição do Outro. Isso inclui parasitar a criação (por desprezá-la, por desprezar tudo o que reverencia o criativo) e minar a singularidade alheia (por ser figura meramente performativa e incapaz de identidade própria).

A linguagem é um instrumento desse método, "induzindo-nos a ver com uma clareza intolerável o que não existe" (p. 95), pelo que "a contradição, a inversão, a duplicidade e a lógica distorcida" são suas marcas. Graças a seu gozo, o mal não pode, sequer, ser uma alternativa política, já que a rigor não rejeita um tipo de mundo, mas o próprio mundo. Tal "pulsão maligna" leva o texto a explorar o conceito freudiano de pulsão de morte e a relacioná-lo com problemas diversos (alcoolismo, assassinatos, suicídios) e suas formas distintas de aproximação do mal. Apesar da diversidade temática e da profusão de exemplos, Eagleton finaliza esse capítulo em tom consolador: "o mal não é apenas uma questão elitista como alguns dos seus praticantes preferiam imaginar. Mas isto também não deve levar-nos a sobrestimar a sua difusão. (...) O mal não é algo que nos deva fazer perder o sono" (p. 130).

A análise da condição maldosa vai se adensando num crescente ao longo do livro. "Consoladores de Job", por sua vez, coloca os atos maldosos na história, aborda tais atos em conexão com um tempo específico, o nosso tempo de cultivo da percepção de falta de lógica no mundo e falta de sentido nas coisas. Essa falta abre espaço para formas desesperadas, superficiais e apressadas de busca e preenchimento de sentido sobre as coisas do mundo, incluindo sobre o próprio mal. Assim, o capítulo começa abordando conjecturas relacionadas aos clichês do "mal necessário" e do "há males que vêm para bem", dentre outros. Tais

conjecturas, muitas vezes, de cunho religioso, uma vez que não oferecem sofisticação interpretativa à altura do fenômeno, terminam por justificar o mal: por exemplo, coisas que são pura maldade são significadas como "uma provação de Deus" ou "uma bênção", desde que se possa extrair alguma alegria ou lucro depois da catástrofe. A partir daí, o texto se adensa nas discussões em torno do holocausto, do capitalismo e do terrorismo.

Sendo uma referência também para os estudos culturais da educação, Terry Eagleton, com seu novo livro, me fez pensar em conexões entre cultura e educação ambiental. De longa data, sabemos que a cultura, sob qualquer perspectiva (como cultivo de valores, hábitos e crenças; como maneiras de conceber e organizar a vida social; como comportamento aprendido de um grupo ou sociedade; como sistema de conhecimentos; ou como disputa e luta pela imposição de significados), interessa às relações entre sociedade e natureza e, portanto, à educação ambiental. Ao recusar olhar o mal como algo misterioso e sobrenatural, ao propor discuti-lo em sua realidade (material, cotidiana, humana, não-pragmática, linguística, performativa e destrutiva), se não se tem uma nova agenda de pesquisa, tem-se um elemento a mais para pensar o educativo nas relações entre sociedade e natureza. É que a leitura vai conduzindo para o entendimento de que uma compreensão realista acerca do mal poderia, talvez, ao menos dificultar a inércia, o pessimismo, a tolerância e o cinismo diante do que se tem feito com o planeta.

Em uma cultura contemporânea cada vez mais encharcada de caricaturas de saberes psi e de certas formas religiosas, as perspectivas catastróficas, resignadas e fatalistas que lhes acompanham, terminam por intensificar desafios à percepção e solução de problemas ambientais. Nesse sentido, como desconsiderar, por exemplo, o curioso virtuosismo narcísico de grupos religiosos e sua percepção e vontade de acreditarem-se acima e além do mundo, quando, segundo o livro, negar o mundo e querer fazer algo independentemente do outro que está ali, é um autêntico indício do mal? Como tolerar as isenções de impostos fortificadoras de igrejas ligadas à produção de diversas intolerâncias, incluindo o ataque a religiões que estabelecem relações não-predatórias com a natureza? Como desconsiderar a farsa, a maldade e os impactos das (retoricamente benfazejas) missões religiosas sobre os povos originários, povos cujas conexões e conhecimentos são parte do que ainda possibilita as florestas em pé? Se, obviamente, apenas compreender o mal não basta (embora muitas

peças e alguns grupos acreditem dele já saber o bastante), seria igualmente fundamental que a política e suas instituições não fossem instrumentos para a derrocada da ética, em lugar de moralismos ou negociatas, diante da realidade do mal.

O livro traz vários elementos descritivos e argumentativos no sentido de que uma posição de sujeito má é uma espécie de afogado, uma figura desesperada e sem sentido. Se "o mal é um tipo de privação" que "envolve um tipo de falta – um sentido insuportável de não-ser, que deve, se assim se pode dizer, ser carregado no outro" (p. 128), os maus não são bons em lidar com a vida e o vivo, "os maus são grosseiramente deficientes na arte de viver" (p. 129). Penso que esse quadro da maldade traz um problema interessante à educação ambiental, em termos de ser ou não possível educar para outras relações entre sociedade e natureza junto a, por exemplo: meninos pobres cuja brincadeira e brinquedo são disputar quem mata mais zangões, correndo atrás deles para lhes dar golpes com nervuras de palha de coqueiro; ou mocinhas encantadas com cerimônias de casamento que incluem revoadas de borboletas "feitas para a ocasião" após criação, congelamento e transporte em massa.

Em outras palavras, diante da realidade do mal, faria sentido educar problematizando práticas culturais predatórias da natureza, tais como as dos dois exemplos acima? A pergunta é minha, mas extraio a resposta a partir do livro de Terry Eagleton: se é verdade que nem todos os meninos e nem todas as mocinhas se divertem ou casam daquela forma por maldade, também é verdadeiro que nem todos mudariam de comportamento, ainda que fossem sujeitos da educação ambiental mais crítica, conscientizadora e emancipatória, pelo "simples" fato de que "os maus não podem ser dissuadidos do seu comportamento destrutivo, pois não há racionalidade por detrás daquilo que fazem" (p. 154-155).

Suficiente para desistirmos? Não: "os radicais, pelo contrário, têm de manter aqui um equilíbrio precário. Por um lado, têm de ser brutalmente realistas sobre a profundidade e a tenacidade da corrupção humana. De outro modo, não se pode insistir no projeto de transformação da nossa condição" (p. 147). Se podemos reconhecer que dominar e destruir estão no centro da problemática ambiental, então o mal deve interessar a qualquer educação ambiental que não seja nem demasiadamente otimista nem demasiadamente sombria.

Referências

EAGLETON, Terry. Sobre o mal. Trad. Pedro Elói Duarte. Lisboa: Edições 70, 2022. 174 p.

Submetida em: 08/05/2024

Publicada em: 13/08/2024